

O AUTISMO NA ETAPA DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

AUTISMO EN LA ETAPA DE EDUCACIÓN INFANTIL EN BRASIL: ENCUESTA BIBLIOGRÁFICA

Mary Ane de SOUZA¹

Bruna Maria de SOUZA²

1

Resumo: Verifica-se a partir da existência de instrumentos voltados especificamente para a regularização do atendimento educacional às crianças autistas, que entender como essas crianças estão sendo recebidas na educação infantil é um aspecto chave para a garantia de qualidade da educação. Assim, o artigo tem o objetivo de socializar reflexões de estudos sobre o transtorno do espectro autista na etapa da educação infantil no Brasil. Para tanto, utilizou-se como metodologia o levantamento bibliográfico no banco de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciElo). Nesse sentido, teve-se como problema norteador de pesquisa a seguinte questão: Quais as preocupações que a literatura especializada na área traz nas pesquisas sobre o autismo na educação infantil? Diante das análises realizadas nos trabalhos que tratam do autismo na educação infantil conclui-se que as preocupações que a literatura especializada na área traz nas pesquisas baseiam-se na prática pedagógica dos professores e também há uma preocupação com o brincar das crianças com TEA.

Palavras-chave: Autismo. Educação infantil. Levantamento bibliográfico.

Resumen: Se comprueba a partir de la existencia de instrumentos específicamente dirigidos a regularizar la asistencia educativa a los niños autistas, que comprender cómo se está recibiendo a estos niños en la educación infantil es un aspecto clave para asegurar la calidad de la educación. Así, el artículo tiene como objetivo socializar reflexiones sobre estudios sobre el trastorno del espectro autista en la etapa de educación infantil en Brasil. Para ello, se utilizó como metodología el relevamiento bibliográfico en la base de datos *Scientific Electronic Library Online* (SciElo). En este sentido, se planteó la siguiente pregunta como problema rector de la investigación: ¿Cuáles son las preocupaciones que la literatura especializada en el área trae a la investigación sobre el autismo en la educación infantil? A la vista de los análisis realizados en los trabajos que abordan el autismo en la educación infantil, se concluye que las inquietudes que la literatura especializada en el área trae a la investigación se basan en la práctica pedagógica de los docentes y también existe una preocupación por el juego de los niños con TEA.

Palabras-clave: Autismo. Educación Infantil. Encuesta bibliográfica.

¹ Mestre em Educação. Coordenadora da REME Dourados-MS. E-mail: maryanesouza@live.com

² Discente em Pedagogia na Rede de Educação Claretiano. E-mail: bruna.maria90@hotmail.com

Introdução

O presente trabalho objetiva socializar reflexões sobre o campo de discussão que vem se estabelecendo na área educacional brasileira sobre o autismo na educação infantil.

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, atende crianças de 0 a 5 anos de idade tendo como finalidade o desenvolvimento integral das crianças em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social. Segundo as diretrizes curriculares nacionais para educação infantil (2009) o planejamento de práticas pedagógicas necessita considerar que as crianças articulem suas experiências e saberes com os conhecimentos e isso deve ser realizado tendo como eixo as interações, as múltiplas linguagens e o brincar.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma síndrome comportamental que tem comprometimentos nas áreas da interação social e da linguagem, comunicação, como também a presença de comportamentos repetitivos e estereotipados (SANINI, BOSA, 2015).

Estes comportamentos podem ser percebidos nas brincadeiras, que geralmente são repetitivas, na falta de criatividade e espontaneidade, na dificuldade da fala e comunicação e no desenvolvimento motor, que se caracteriza por repetições de movimentos, involuntários e sem função aparente (BOSA, 2002).

As manifestações das dificuldades no autismo poderão variar de acordo com o nível desenvolvimental e a idade cronológica da criança, entre outros fatores (APA, 2013). Além disso, quanto maior o comprometimento cognitivo, maior a tendência a isolar-se e a não se comunicar (Klin, 2006), pela dificuldade em compreender as interações sociais. (SANINI, BOSA, 2015, p. 173).

Nesse sentido, a educação infantil recebe um grande desafio, pois, é nessa etapa que as crianças demonstram as primeiras características do autismo, como também a família recebe o diagnóstico. As instituições de educação infantil e os professores enfrentam muitas barreiras para que possam desenvolver um trabalho de qualidade; a instituição não tem os materiais e espaços adequados, e os professores, em sua maioria, não possuem formação.

A educação infantil assinala, naturalmente, o ingresso de toda criança em um grupo social, longe da proteção da família. Isso engendra novas formas de relacionar-se e de comportar-se, ampliando o repertório de experiências da

criança, mas também seus medos, assim como os da família. Conseqüentemente, esse processo, no caso da inclusão, representa um desafio duplo para o professor. De acordo com De Vitta, De Vitta e Monteiro (2010) a educação infantil é importante para o desenvolvimento de qualquer criança, especialmente para aquelas com necessidades educativas especiais, o que inclui o autismo (SANINI, BOSI, 2015, p. 175).

Em dezembro de 2012 passou a vigorar a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Lei nº 12.764/2012) que enquadra o autismo na condição de deficiência, e por isso a pessoa diagnosticada com a síndrome está compreendida nas políticas de inclusão e caso seja necessário, será possível solicitar um acompanhamento especializado. Isso significa um grande avanço, pois, subentendesse que a criança diagnosticada com autismo poderá ser matriculada na rede regular de ensino e poderá ter acompanhamento especializado, desde a educação infantil.

Verifica-se a partir da existência de instrumentos voltados especificamente para a regularização do atendimento educacional às crianças autistas, que entender como como essas crianças estão sendo recebidas na educação infantil é um aspecto chave para a garantia de qualidade da educação. Assim, o artigo tem o objetivo de socializar reflexões de estudos sobre o transtorno do espectro autista na etapa da educação infantil no Brasil.

Nesse sentido, teve-se como problema norteador de pesquisa a seguinte questão: Quais as preocupações que a literatura especializada na área traz nas pesquisas sobre o autismo na educação infantil?

Para tanto, como procedimentos metodológicos de investigação foram utilizados o levantamento bibliográfico, com vistas ao mapeamento e análise de textos científicos nacionais que serão explicitados na seção a seguir.

Diante do exposto dividiu-se o trabalho em duas seções. A primeira seção mostra, especificamente, como foram desenvolvidos os parâmetros de busca para as análises dos estudos pertinentes à temática, o que se refere aos materiais e métodos. A segunda seção identifica e traz algumas reflexões sobre o que os autores discutem sobre o tema supracitado.

Material e Métodos: Parâmetros para as buscas e análises dos estudos pertinentes à temática

Como explicitado anteriormente essa pesquisa tem como objetivo socializar reflexões sobre o campo de discussão que vem se estabelecendo na área educacional brasileira sobre o autismo na educação infantil. Em outras palavras, buscou-se a constituição do Estado do Conhecimento acerca da temática, entendido como:

[...] uma pesquisa de caráter bibliográfico que se propõe a organizar e discutir certa produção acadêmica, em diferentes campos do conhecimento. É uma avaliação sistemática da produção do conhecimento e está intimamente ligada ao progresso científico, contribuindo para o aprimoramento do conhecimento e direcionamento específico de uma determinada área, permitindo destacar a análise da produção científica como veículo capaz de revelar e expressar o que tem sido investigado, conhecendo, assim, o particular, o singular e assim ver manifestada a universalidade do conhecimento, em síntese, possibilita detectar avanços teóricos, bem como determinar lacunas e vieses, rupturas e descontinuidades (ARANDA, 2014, p. 267).

4

Nesse sentido, é pertinente analisar os estudos que debatem esse contexto, com foco para os trabalhos que abordam o autismo na educação infantil, para uma melhor compreensão desse processo, de suas implicações, limites e possibilidades. Para tanto a metodologia do trabalho foi dividida em três etapas.

Na primeira foi realizado o levantamento bibliográfico na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), que é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros e internacionais. É importante mencionar que a SciELO é o resultado de um projeto de pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), em parceria com o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME) e que a biblioteca *online* também conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), desde 2002. Se concretizando como grande ferramenta de estudos e pesquisas entre pesquisadores de todas as linhas.

Como parâmetros para a busca dos artigos na temática foram utilizadas as seguintes palavras-chave: “Autismo *end* educação”, “Transtorno do espectro autista *and* educação”, “Autismo *end* Educação infantil”, “Transtorno do espectro autista *end* educação infantil”, “Autismo *end* Educação infantil *end* educação especial” e “Transtorno do espectro autista *end* educação infantil *end* educação especial”.

Com a busca foi possível encontrar no total 65 trabalhos, dos quais apenas 6 (Favoretto, Lamonica, 2014; Sanini, Bosa, 2015; Sa, Siquara, e Chicon, 2015; Bagarollo, Ribeiro, Panhoca, 2013; Farias, Maranhao, Cunha, 2008 e Santos, Santos, 2012) apresentam pesquisas que abarcam o tema educação infantil e autismo no Brasil.

Destaca-se que de toda a produção na área educacional é aproximadamente apenas 8,7% tem se preocupado em analisar questões referentes ao autismo na etapa da educação infantil, o que revela um déficit de produção quando se trata da primeira etapa da educação básica, e onde a criança com autismo precisa de mais estímulos.

A segunda etapa dessa pesquisa, consistiu em elaborar fichamentos dos 9 trabalhos encontrados com vistas a identificar como são discutidas as questões sobre o autismo na educação infantil no Brasil, identificando nos trabalhos: Título, objetivos, problemáticas, justificativas, metodologia, hipóteses, constatações, conclusões e outras informações convenientes para a análise.

Por fim, a terceira etapa, apresenta uma análise mais aprofundada nos textos, para trazer reflexões e identificar os limites e possibilidades que esse tema apresenta. O que pode ser uma contribuição para novas pesquisas e estudos.

Diante do exposto, a seção seguinte mostrará como os autores discutem sobre o tema.

Resultados e Discussão: O Autismo na etapa da Educação Infantil Brasil: O que dizem os pesquisadores?

Os Transtornos do Espectro Autista são caracterizados por dificuldade constantes na comunicação e interações sociais, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades. Como os sintomas devem estar presentes no início da infância a inclusão de pessoas com deficiências ou necessidades educativas especiais é defendida por meio da Constituição Brasileira (BRASIL, 1988) e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), que reconhecem o direito da educação para todos, propondo que o ensino seja baseado nos princípios de igualdade de condições de acesso, permanência e aprendizagem para todos e em todos os níveis da educação (FAVORETTO E LAMÔNICA, 2014). Assim, compreende-se a necessidade de entender as

preocupações que a literatura especializada na área traz nas pesquisas sobre o autismo na educação infantil. A seguir tem-se uma análise mais aprofundada nos textos, para trazer reflexões e identificar os limites e possibilidades que esse tema apresenta.

O trabalho de Sanini e Bosa (2015) teve como objetivo investigar as crenças de uma educadora sobre o desenvolvimento de seu aluno com autismo, na educação infantil; a confiança no seu trabalho como educadora e os aspectos da relação professor-aluno que repercutiram na prática pedagógica utilizada. Como metodologia as autoras utilizaram a análise de conteúdo de uma entrevista realizada com a professora. Sanini e Bosa concluíram que a aceitação e o reconhecimento do potencial do aluno, por parte da educadora, foram determinantes para a sua prática. Mas também foi possível constatar a baixa confiança no trabalho pedagógico, os sentimentos de insegurança quanto à adequação de sua prática e a necessidade de receber apoio e partilhar as dificuldades.

A pesquisa de Favoretto e Lamônica (2014) fez uso da aplicação e análise de um questionário, realizado com 38 professores da educação infantil da rede pública municipal de Bauru para investigar as experiências dos professores em relação ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) e necessidades de conteúdos sobre a temática. Com o estudo as pesquisadoras chegaram à conclusão de que a inclusão escolar está em processo de crescimento, porém com professores carentes por informações. Também foi possível obter uma maior integração entre a comunidade fonoaudiológica e pedagógica, favorecendo a elaboração do conteúdo de um curso de difusão para os professores que vise à inclusão das crianças com TEA na rede regular de ensino.

Santos e Santos (2012) investigaram, a partir da teoria das representações sociais, as ideias de senso comum que circulam entre professores acerca do autismo infantil. Os dados obtidos através de entrevistas semiestruturadas permitem concluir que paradoxalmente, a aproximação com o objeto não parece conduzir a uma maior familiarização. De maneira geral, há incertezas e fluidez quanto a considerar o autismo uma desordem orgânica ou o resultado de complicações relacionais precoces, em acreditar que essas crianças apresentam inteligência acima da média ou deficiência intelectual. Os professores constroem, assim, autismos diversos, num processo de conhecimento ancorado em variados repertórios, dentre eles, a psicanálise e neurociências.

A investigação de Farias, Maranhão e Cunha (2008) teve o objetivo de discutir sobre a prática profissional de duas professoras e suas crianças com autismo em classes de educação infantil, tendo como referência a Teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada. Foram feitas entrevistas com duas professoras e foi utilizada a Escala de avaliação da Experiência de Aprendizagem Mediada para avaliar o padrão de interação professor-aluno. As concepções sobre inclusão foram diferentes para ambas as professoras. O padrão de mediação de ambas as professoras apresentou diferenças nos principais componentes de mediação: Intencionalidade, Significação e Transcendência. Conclui-se que a professora M1 apresenta comportamentos que não favorecem a modificabilidade cognitiva estrutural da criança. Nessa direção, a escola deve ser capaz de qualificar o professor para promover e a inclusão social e educacional e o desenvolvimento infantil.

O trabalho de Sá, Siquara e Chicon (2013) objetiva analisar as representações simbólicas produzidas no espaço da brinquedoteca, por meio do jogo de faz de conta de uma criança autista, sexo masculino, cinco anos, oriunda da comunidade Vitória/ES. Os dados analisados evidenciam o quanto a experiência de brincar da criança autista favorece a internalização desse elemento da cultura (a brincadeira), na medida em que implica a (re)significação de objetos e a representação de situações de vida, com o uso de múltiplas possibilidades de linguagens e a potencialização do processo de desenvolvimento intra/interpessoal.

Bagarollo, Ribeiro e Panhoca (2013) tiveram como objetivo de pesquisa analisar as peculiaridades do brincar de uma criança com autismo infantil, imersa em ricas experiências com outras crianças, com brinquedos e com brincadeiras. Por meio de gravações em vídeo de sessões de terapia fonoaudiológica com um grupo de quatro crianças autistas, com foco para as brincadeiras de uma delas, S1 de quatro anos. Foi possível constatar que é possível para a criança autista, quando vivenciando interações sociais favoráveis, desenvolver o brincar, os processos imaginativos e as sequencias de ações observadas no grupo social e no uso cultural dos brinquedos. As pesquisadoras também concluíram que é fundamental a intervenção do terapeuta durante o processo de interação, atribuindo significações às ações da criança, proporcionando a ela a possibilidade de constituir-se como um ser cultural e de interagir com o outro e, dessa forma, construir as bases para as internalizações que daí decorrerão.

Observou-se também que as experiências vivenciadas fora da instituição possibilitam oportunidades de brincar e desenvolver-se durante as brincadeiras, mesmo que de forma mais lenta e específica.

Considerações Finais

Diante das análises realizadas nos trabalhos que tratam do autismo na educação infantil conclui-se que as preocupações que a literatura especializada na área traz nas pesquisas baseiam-se na prática pedagógica dos professores e também há uma preocupação com o brincar das crianças com TEA.

Constatou-se que dos 6 trabalhos encontrados 4 se dedicam a pesquisar a prática pedagógica dos professores. Essas pesquisas trazem preocupações com as crenças dos professores, confiança no trabalho pedagógico, experiências com crianças em relação ao TEA, o senso comum sobre o assunto e as práticas pedagógicas dentro da sala de aula.

Os dois trabalhos que trazem como objeto de pesquisa o brincar da criança autista levantam como preocupações as representações simbólicas e brincadeiras de faz de conta das crianças autistas.

É consenso entre os pesquisadores que a inclusão está crescendo. Porém há a necessidade de maior qualificação dos profissionais da educação que recebem a criança com autismo na educação infantil.

Conclui-se que há a necessidade de mais pesquisas sobre o autismo na educação infantil para que se possa estabelecer mais informações e formações para os profissionais da educação dessa etapa de ensino.

Referências

ARANDA, Maria Alice de Miranda. A participação como princípio da Gestão Democrática: o debate pós ditadura militar. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 56, p. 266-279, mai. 2014.

BAGAROLLO, Maria Fernanda; RIBEIRO, Vanessa Veis; PANHOCA, Ivone. O brincar de uma criança autista sob a ótica da perspectiva histórico-cultural. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 19, n. 1, p. 107-120, mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382013000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 jan. 2019.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: atuais interpretações para antigas observações. In. BOSA (Orgs.), **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre, Brasil: Artmed. 2002.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3o do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Brasília, DF, 2012.

_____. Ministério de Educação e Cultura. LDB - **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil** – Brasília: MEC, SEB, 2009.

Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p. BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil.

FARIAS, Iara Maria de; MARANHÃO, Renata Veloso de Albuquerque; CUNHA, Ana Cristina Barros da. Interação professor-aluno com autismo no contexto da educação inclusiva: análise do padrão de mediação do professor com base na teoria da Experiência de Aprendizagem Mediada (Mediated Learning Experience Theory). **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 14, n. 3, p. 365-384, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382008000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 jan. 2019.

FAVORETTO, Natalia Caroline; LAMONICA, Dionísia Aparecida Cusin. Conhecimentos e necessidades dos professores em relação aos transtornos do espectro autístico. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 20, n. 1, p. 103-116, mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382014000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 jan. 2019.

GOMES, Camila Graciella Santos; MENDES, Enicéia Gonçalves. Escolarização inclusiva de alunos com autismo na rede municipal de ensino de Belo Horizonte. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 16, n. 3, p. 375-396, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382010000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 dez. 2019.

LUCISANO, Renata Valdívia et al. Avaliação do Brincar de Faz de Conta de Pré-Escolares: Revisão Integrativa da Literatura. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 23, n. 2, p. 309-322, jun. 2017. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141365382017000200309&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 jan. 2019.

PIMENTEL, Ana Gabriela Lopes; FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda. A perspectiva de professores quanto ao trabalho com crianças com autismo. **Audiol., Commun. Res.**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 171-178, jun. 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231764312014000200171&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 19 dez. 2019.

SA, Maria das Graças Carvalho Silva de; SIQUARA, Zelinda Orlandi; CHICON, José Francisco. Representação simbólica e linguagem de uma criança com autismo no ato de brincar. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Porto Alegre, v. 37, n. 4, p. 355-361, dez. 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132892015000400355&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SANINI, Cláudia; BOSA, Cleonice Alves. Autismo e inclusão na educação infantil: Crenças e autoeficácia da educadora. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 20, n. 3, p. 173-183, set. 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2015000300173&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 jan. 2019.

SANTOS, Michele Araújo; SANTOS, Maria de Fátima de Souza. Representações sociais de professores sobre o autismo infantil. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 364-372, ago. 2012. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822012000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 jan. 2019.

Enviado: 30/06/2020

Aceito: 31/08/2020